

## A Exegese em Diálogo com Teorias da Interpretação de Textos Antigos e Medievais

*O que me estimula é o conceito de uma história literária que combina, e que poderia combinar uma história pragmática das formas com a história funcional, esta combinação poderia ser coordenada com a história das coletividades mentais, ou para usar outros termos, com a história da distribuição e da transformação dos constituintes estruturais (...) talvez ele viesse a realizar o antigo sonho da *histoire totale*<sup>523</sup>.*

### Introdução

Uma compreensão mais profunda da historiografia medieval passa necessariamente, como já vimos no primeiro capítulo, pela renovação trazida pela história Nova<sup>524</sup>. Sem este panorama não é possível avaliar o desenvolvimento das abordagens que vieram a construir a renovação do cenário sobre os estudos medievais<sup>525</sup>. E o epíteto de Gumbrecht nos recorda também, que, através dos compromissos empreendidos, em vista de uma nova historiografia medieval, resgataram-se novos espaços de interpretação de (con)textos da vida e da mentalidade, da religião e do pensamento, do homem e da mulher, das concepções científicas e credences, que realocam nosso “desprezo iluminista” pela razão medieval<sup>526</sup>.

<sup>523</sup> GUMBRECHT, *Modernização dos Sentidos*, 93.

<sup>524</sup> LE GOFF, J., *Para um novo conceito da Idade Média: Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente*, Imprensa Universitária, Lisboa, 1980; -----, *A História Nova*, Martins Fontes, SP, 1998; -----, *l'immaginario Medievale*, in G. Cavallo (org.), *Lo spazio Letterario del Medioevo. I. Il Medioevo Latino, vol. IV. L'Attualizzazione del Testo*, Salerno, Roma, 1997, 11-42; DELORT, R., *La Vita Quotidiana nel Medioevo*, Laterza, Roma-Bari, 2005<sup>5</sup>; mais especificamente sobre a formação filosófica medieval: E. Gilson, *A Filosofia da Idade Média*, M. Fontes, SP, 1999; A. De Libera, *A Filosofia Medieval*, Loyola, SP, 1998, não podemos deixar de citar o magnífico artigo de um mestre de tantas gerações no Brasil, H.C. de Lima Vaz, *A Fisionomia do séc. XIII*, in *Escritos de Filosofia*, Loyola, SP, 1986, 11-33.

<sup>525</sup> LE GOFF, J., *Du Ciel sur la Terre. La Mutation du valeurs du XII<sup>e</sup> au XIII<sup>e</sup> siècle dans L'Occident chrétien*, in *Héros du Moyen Âge, le Saint et le Roi*, Quarto/Gallimard, Paris, 2004, 1263-1282.

<sup>526</sup> CAVALLO, G., *Libri e Lettori nel Medioevo*, Laterza, Bari-Roma, 2003<sup>5</sup>, espec., VII-XXXIII; -----, *L'Uomo Bizantino*, Laterza, Roma-Bari, 2005<sup>2</sup>, espec., VII-XXII; -----, *Le Biblioteche nel Mondo Antico e Medievale*, espec., OLSEN, B. M., *Le Biblioteche del XII secolo negli inventari*, 137-162, além da excelente introdução, VII-XXXI.

Ao mesmo tempo, re-inscreve-se, na tese, o problema da elaboração de portais temporais pelos quais se alude à passagem do tempo e da representação literária, em forma de escritas de histórias de literatura. O fazer-literário “cristão” indica uma passagem entre a mentalidade antiga<sup>527</sup>, antes e depois do cristianismo, pensando-se na datação Constantiniana (séc. III), pelo fato de assistir-se à eclosão de uma leitura histórica do tempo, a partir das premissas da Providência Divina. Enquanto o tempo romano, antes de Constantino é marcado, segundo as premissas bíblicas, por uma visão pessimista e purgativa, após a concessão Constantiniana (séc.III), o tempo cristão é visto como a expressão da vitória temporal do “reino de Deus”.

*Nell'Esamerone cosmico la principale conseguenza della riconduzione a tale modello della cronologia biblica è l'universalizzazione di essa cioè la sua funzione di quadro onnicomprensivo del tempo umano nel contesto di un piano divino di Salvezza orientato teleologicamente verso l'a.A 5500.*<sup>528</sup>

E depois, aquela passagem para o período medieval, gera-se um “novo” projeto historiográfico, na medida em que o império romano irá lentamente tornar-se império cristão, através da tarefa da copiagem, da transmissão e da interpretação do texto “sagrado”, criando um verdadeiro *corpus*, agora, no epicentro da nervura societária medieval<sup>529</sup>.

*Questo furore di ricerca di opere, committenze, richieste, scambi, doni, prestiti, trascrizioni, revisioni, letture e riletture che caratterizza l'“intelighenzia” cristiana antica dipendeva meno da concrete disponibilità di libri o da distanzse e assai più da relzioni tra individui, cerchie, Chiese e proprio per questo um altro significato. Si trattava di una comunicazione letteraria in qualche modo istrumentale, che creava o cementava relazioni tra figure di spicco del sapere cristiano, tra centri che si organizzavano intorno ai vescovi e tra i fedeli docti fino a costituire una sorte di societas in cui assumeva consistenza e si definiva l'identità culturale cristiana*<sup>530</sup>.

<sup>527</sup> Vale a pena conferir esta esquematização em LE GOFF, J., *Escatologia*, in *História e Memória*, 323-372; e particularmente sobre a experiência do tempo sagrado na Idade Média: *Du Ciel sur la Terre. La Mutation du valeurs du XII<sup>e</sup> au XIII<sup>e</sup> siècle dans L'Occident chrétien*, in *Héros du Moyen Âge, le Saint et le Roi*, Quarto/Gallimard, Paris, 2004, 1263-1282, espec. *Les empiétements sur le domaine de Dieu : Le temps, la science, l'au-delà*, 1271-1273.

<sup>528</sup> ANDREI, O., *L'Esamerone Cosmico e le Chronographiae di Giuglio Africano*, in *La Narrativa Cristiana*, Studia Ephemeridis Augustinianum 50 (1995), Roma, 165-183.

<sup>529</sup> PINHEIRO, A. V., *Da Sacralidade do Pergaminho à Essência Inteligível do Papel*, in DOCTORS, M., *A Cultura do papel*, Casa Da Palavra, RJ, 1999, 65-80.

<sup>530</sup> CAVALLO, *Diffusione e ricezione dello scritto nee"antichità cristiana: strumenti, maniere, mediazioni*, in *RICEZIONE E COMUNICAZIONE DEL DOCUMENTO CRISTIANO IN EPOCA TARDO ANTICA*, Studia Ephemeridis Augustinianum 90 (2004), 9-26, espec. 15.

Para a leitura do texto cristão, por excelência, a Bíblia foi fundamental à privilegiada primavera da história da literatura, ocorrida sob os estudos da historiografia francesa e européia, em particular, nestes últimos quarentas anos. Neste período, evoca-se o caráter ineludivelmente indispensável de partir de seus resultados, para avançar em busca da realidade para toda a discussão historiográfica: a releitura dos *sentimentos* religiosos encarnados no Imaginário da cultura e na mentalidade cristã, européia e medieval<sup>531</sup>.

Os pressupostos para uma discussão acerca da doutrina sobre as relações entre o Estado e a Religião, no chamado “mundo antigo”, supõe a consciência da evolução permanente dos estudos historiográficos, nestes últimos trinta anos<sup>532</sup>. Deve-se considerar *a operação historiográfica*<sup>533</sup>, a partir de seus diversos focos renovadores. Se considerarmos o ponto de vista da filologia, é inevitável pensar na valiosa utilização das tecnologias da imagem e do texto, entre outros, para a elucidação dos “segredos” guardados nas entrelinhas de “velhos” documentos. Mas tem sido a História do Pensamento a perguntar-se se podemos conhecer o passado, de uma só vez, e o que “significa” conhecer o passado, para as questões urgentes do Presente, “ubiquação” do narrador e hermeneuta do texto/fato histórico?<sup>534</sup> Tudo isto seria já muito complexo se não nos interrogássemos sobre a pertinência dos resultados destas questões e muitas outras, para o desenvolvimento dos estudos

<sup>531</sup> Na Itália um dos mestres desta literatura, em nível mundial: GINZBURG, C., os queijos e os Vermes. O Cotidiano e as Idéias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição, Companhia das Letras, SP, 2002<sup>3</sup>, espec. 15-31; -----, *Os Andarilhos do Bem. Feitiçarias e Cultos Agrários nos séculos XVI e XVII*, Companhia das Letras, SP, 2001<sup>2</sup>, espec. *Pós-Escrito de 1972*.

<sup>532</sup> Podem ser considerados textos clássicos aqueles da obra da historiografia Inglesa, no fim do século passado, porém, não se pode ignorar que suas propostas epistemológicas e projetos de interpretação dos documentos do passado perderam sua pertinência, após as novas investigações historiográficas, mesmo que se considere ainda útil, levar em consideração as intuições de um método “positivo”, na constituição e abordagem de documentação histórica antiga. TOYNBEE, A., *A Religião e a História*, Ed. Fundo de Cultura, RJ, 1961; LLOYD-JONES, H., *O Mundo Grego*, J. Zahar, RJ, 1979, espec., *A Tragédia Grega: «As Traquinianas», de Sófocles*, 93-110; *História da Grécia*, Vol. I, Vozes, Petrópolis, 1972, espec. *A Religião*, 470-488.

<sup>533</sup> Com esta expressão entende-se significar todo o avanço, na perspectiva crítica dos estudos historiográficos contemporâneos, assim também, como ela aponta para o patamar da “crise” epistemológica de projetos de narrativa e hermenêutica históricas neste século passado, começando pela Escola dos “Anais” até as propostas de Michel Foucault e Jean Lacan. CERTEAU, M., *A Escrita da História*, Forense, RJ, 2000<sup>2</sup>, espec. 65-78.

<sup>534</sup> HAVELOCK, E. A., *A Revolução da Escrita na Grécia Antiga e suas Conseqüências Culturais*, Unesp/Paz e Terra, SP, 1994; SNELL, B., *A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu*, Perspectiva, SP, 2001.

exegéticos do Novo Testamento, do Conjunto dos Livros Canônicos do “Cristianismo Primitivo”<sup>535</sup>.

Trata-se da problemática de fundo, desde o séc. XIX, com a emergência definitiva dos métodos histórico-críticos e a análise metódica dos elementos de produção/interpretação de textos antigos (corte diacrônico), como pressuposto *sine qua non* para a compreensão do “sentido” destes antigos textos para o Presente<sup>536</sup>. Uma discussão cada vez mais calorosa, cheia de iniciativas e conflitos, quando se trata de Hermenêutica de textos “sagrados”, Produção Coletiva de Sentido, e lida à luz da História da Leitura e da Interpretação, entende-se, aqui, a gênese e desenvolvimento (ininterrupto) da Tradição (para, dos) <sup>537</sup> Eclesial das Escrituras (inspiradas) Apostólicas.

De fato, nestes últimos cem anos<sup>538</sup>, a Igreja Católica tem assumido ininterruptamente posturas diante da complexa e inexorável tarefa de interpretar os Textos do Cânon. Interpretação entendida como conhecimento e exposição do sentido pleno das Escrituras Sagradas, seja, naquele sentido, moderno, da Hermenêutica, como produção de sentido, atualização seja na apropriação de sentido, pelos leitores (modernos) das Escrituras. Seja o maior desafio, aquele de falar a partir das Escrituras. No contexto do Silêncio de Deus, no pós-ateísmo!

<sup>535</sup> Atualíssimo entre os estudiosos de Literatura Cristã Primitiva, como recepção dos Escritos do Novo Testamento e da literatura apócrifa judaico-cristã. Busca-se cada vez mais entender as relações entre o ambiente cristão-primitivo e aquele judeu-helenístico. BAMMEL, C.P., et alii, *Cristianismo Latino e Cultura Greca sino al sec.IV*, in *Studia Ephemerides Augustinianum* 42 (1992), Roma, POUDERON, B., et DORÉ, J., *Les Apologistes Chrétiens et la Culture Grecque*, in *Theologie Historique* 105, Beauschene, Paris, 1996.

<sup>536</sup> Pontifícia Comissão Bíblica, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, Paulinas, S.Paulo, 1994<sup>2</sup>. Alguns artigos de referência para uma reflexão sobre a questão da exegese, como uma difícil e indispensável tarefa na Igreja: Um pequeno artigo, reflexivo e provocador P.-M. Beaudé, *Exégese Contemporaine et sens de la Bible*, in V.V.A.A., *Naissance de la Méthode critique. Colloque du Centenaire de l'École biblique et Archeologique française de Jérusalem*, Paris, Cerf, 1992, 245-253. Um texto mais “doutrinal” e histórico aquele de I. De La Potterie, *Il Concilio Vaticano II e la Bibbia*, in VV.AA., *L'Esegesi Cristiana Oggi*, Pieme, C. Monferrato, 1992<sup>2</sup>, 19-42.

<sup>537</sup> O tema da Tradição, como questão epistemológica, insere-se ainda no amplo debate contemporâneo acerca do valor das transmissões garantidas por um meio específico, institucional ou não, mas que representa uma parcela da sociedade. Ainda resulta interessante no contexto da modernidade científica e tecnológica. CAVALCANTE, B., *Modernas Tradições. Percursos da Cultura Ocidental*, Access/Faperj, RJ, 2002, em campo mais específico da Cultura Grega antiga, VERNANT, J.-P., *Mito e Sociedade na Grécia Antiga*, J.Olympio, RJ, 1999<sup>2</sup>.

<sup>538</sup> De certa maneira, o Documento da Comissão Pontifícia sobre a Interpretação da Bíblia na Igreja, 1993, marca a comemoração e os intensos debates em torno da crise e pluralidade de metodologias hermenêuticas, na tarefa dos Biblistas Católicos. *A Interpretação Da Bíblia na Igreja*, Vaticano, 1993. Sobre o Centenário de Encíclica *Providentissimus Deus* (1893) do Papa Leão XIII: Pio Laghi, Maurice Gilbert e Albert Vanhoye, *Chiesa e Sacra Scrittura. Un Secolo di Magistero ecclesiatco e studi biblici*, in *Studia Bíblica* 17, PIB, Roma, 1994.

Por isso o primeiro passo será passar a limpo as questões da história das mentalidades, e em particular, o enfoque sobre o Imaginário Medieval, de J. Le Goff<sup>539</sup>. Das questões teóricas apresentadas neste trabalho do famoso medievalista francês, passaremos à questão da concepção do *livro cristão*, isto é, o imaginário do texto sacro, encarnado no livro e seus processos de leitura. A literatura alcança neste ambiente uma atmosfera densa de perspectiva da construção do leitor e da obra infinita e misteriosa, mas ao mesmo tempo dialogante com a realidade do leitor, capaz de dialogar e transformar seu horizonte de expectativa<sup>540</sup>.

#### 4.1

### O Imaginário Medieval: Ficção e História

*Da una trettina d'anni la storia dell'immaginario è apparsa come un nuovo campo de indagine nell'ambito storico (...) lo sviluppo della storia dell'immaginazione si inserisce nel movimento storiografico più generale che tende, da poco più di un quarto di secolo, ad ampliare l'ambito della storia in funzioni di nuovi problemi, di nuovi approcci e di nuovi oggetti.*  
(LE GOFF, 1993<sup>3</sup>, p. 13)

#### 1.

### Introdução:

Novas luzes dos estudos historiográficos<sup>541</sup> sobre as mentalidades (religiosas) no mundo antigo, entre as formas da cultura e da religiosidade greco-romanas e o projeto cristão de dominação do “novo” território ocidental, são

<sup>539</sup> *L'Immaginario Medievale*, in G. Cavallo (org.), *Lo spazio Letterario del Medioevo. I. Il Medioevo Latino, vol. IV. L'Attualizzazione del Testo*, Salerno, Roma, 1997, 11-42. Seguiremos a crítica de GURIÉVITCH, A., *Da História das Mentalidades à Antropologia Histórica*, in *A Síntese Histórica e a Escola dos Anais*, 253-286.

<sup>540</sup> PETRUCCI, A., *La Concezione Cristiana del Libro fra VI e VII Secolo*, in CAVALLO, G.(Ed.), *Libri e Lettori nel Medioevo. Guida di Lettura*, Laterza, Bari, 2003, 3-6; SEQUERI, P., *La Struttura testimoniale delle Scritture sacre: teologia del testo*, in ANGELINI, G., (org.), *La Rivelazione Attestata. La Bibia fra Testo e Teologia*, Glossa, Milão, 1998, 3-28. Em diálogo com as temáticas da literatura apresentadas por BLANCHOT, M., *O Espaço Literário*, Rocco,RJ, 1987.

<sup>541</sup> Sobre tudo a história cultural tem recolhido muito do que se pesquisa sob a metodologia da história das mentalidades: BURKE, P., *Variedades da História Cultural*, Civilização Brasileira, RJ, 2000 ; -----, *A Escola dos Annales. 1929-1989. A Revolução francesa da historiografia*, Unesp, 1997 ; MOMIGLIANO, A., VERNANT, J.-P., *Entre Mito e Política*, Edusp, SP, 2001; VERGER, J, *Cultura, Ensino e Sociedade no Ocidente nos séculos XII e XIII*, Edusc, Bauru, 2001; *L'età deal Traspasso fra Storiografia antica e Storiografia medievale*, in *Rivista Storica Italiana* 81 (1969), 286-303.

interessantes para a formação de uma nova “cartografia” de novos temas da literatura medieval<sup>542</sup>.

Um frutuoso diálogo entre as obras de Carlo Ginzburg e a erudição de J. Le Goff sobre a “definição”<sup>543</sup> de medieval perpassa a discussão sobre as condições de uma argumentação medieval de literatura<sup>544</sup>, na moldura de uma formulação, dita de história da literatura, já que esta metodologia de indagação do passado dá voz ao leitor e à leitura, onde é óbvio o recurso ao comparativismo<sup>545</sup>. Mas o que significa imaginação para a contextualização da obra medieval em literatura? Que aspectos são imprescindíveis captar para a elaboração de um itinerário intelectual da historiografia que persegue a captar as notas essenciais do medioevo ocidental?

Através da obra de S.J. Schmidt<sup>546</sup>, pudemos ver a importância da noção de sistema, na concepção de uma crítica literária, que não seja *ingenuamente* histórico-cronológica. O fenômeno da historiografia literária judaico-cristã e árabe percorre através do sistema literário todas as suas etapas. E se pode pensar que o IV<sup>o</sup> século *cristão*, aquele 28 de outubro constantiniano haveria de exigir o início da “publicação” da mentalidade e da estratégia “cristã” e imperial, que deverá tornar-se absoluta no período medieval, anterior ao século XV:

---

<sup>542</sup> Sobre o imaginário nas diversas perspectivas das ciências: ROSSO, G., *A Religião*, in HOISEL, B., *Anais de um Simpósio Imaginário*, Palas Athenas, SP, 1998; SCHMITT, J.-C., *Os Vivos e os Mortos na Sociedade Medieval*, Cia das Letras, SP, 1999, espec., *Tempo, espaço e sociedade*, 192-216; MURASHIMA, M. K. G., *Sultiferae naves: a história da percepção da loucura*, in DOS SANTOS, P.P.A., *Mundo. Cultura e Pessoa Humana*, COMMUNIO 22 (2004), Letra Capital, RJ, 371-385.

<sup>543</sup> LE GOFF, J., *Para um Conceito Novo de Idade Média. Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente*, Estampa, Lisboa, 1980, espec., *Para uma Antropologia Histórica*, 311-386; BALANDIER, G., *O Dédalo. Para Finalizar o século XX*, Bertrand Brasil, RJ, 1999, espec., *Os Retornos e Contornos do Sagrado*, 149-188; COLLINGWOOD, R.G., *A idéia de História*, Presença, Lisboa, 1994<sup>8</sup>, *A Influência do Cristianismo*, 69-120.

<sup>544</sup> CURTIUS, E. R., *Letteratura europea e Medio Evo latino*, La Nuova Italia, Milão, 2000<sup>3</sup>, espec., *Letteratura e Istruzione*, 46-72.

<sup>545</sup> NITRINI, S., *Literatura Comparada. História, teoria e Crítica*, Edusp, 2000<sup>2</sup>, espec., *Da Influência à Recepção*, 168-182; BRUNEL, P et alii, *Que é Literatura Comparada ?*, Perspectiva, SP, 1995.

<sup>546</sup> SCHMIDT, S.J., *Sobre a Escrita de Histórias da Literatura*, in OLINTO, H.K., *Histórias de Literatura*, 107: “A escrita de histórias literárias significa uma construção de relações teoricamente orientadas entre os dados para produzir modelos plausíveis intersubjetivamente dos ‘acontecimentos passados’, devemos admitir que teremos de empregar outros critérios que não a verdade, objetividade ou fidedignidade nas histórias literárias, e que teremos de formular funções sociais para histórias literárias diferentes das que fornecem um relato verdadeiro sobre o que ocorreu de fato.”; -----, *Linguística e Teoria do Texto*, Pioneira, SP, 1978.

*Il 28 ottobre del 312 i cristiani si trovarono improvvisamente e inaspettamente vittoriosi...I sentimenti che prevalsero tra i vincitori...furono di rancore e vendetta. Peraltro, la conversione di Costantino diede impulso non solo allá composizione di pamphlets, ma anche allá produzione di opere storiografiche complesse, nelle quali si metteva in luce la correlazione fra l'istaurazione della pax Romana e la diffusione del messaggio cristiano, come è stato osservato giustamente, l'idea di fondo allo scritto di Lattanzio non era estranea all'antico concetto di pax deorum.*<sup>547</sup>

O Cristianismo nasce para o ocidente romano (quer dizer, imperial), sob a égide de uma literatura que se auto-apresenta ao antigo sistema romano (agora, este seria o significado de antiguidade para os cristãos), ora como seu destruidor, numa inversão brutal de relações, ora, como purificador “eclétrico” de tendências que permeiam esta passagem do “pagão” para o cristão, no século IV<sup>548</sup>.

Neste período, aparecem, isto é, têm direito à praça e ao rumor, muitas elaborações sobre a história como uma *produção historiográfica cristã*, pois estava em jogo a sedução e a expansão do “pensar e agir” do Cristianismo, com sua herança oriental (grega) e romana, ao mesmo tempo, reescrita sob novos ângulos<sup>549</sup>. Segundo CAVALLO, a história da literatura latina e cristã foi uma história de modelos gregos. Mas se pode observar uma outra ótica, talvez mais atraente, aquela do “espaço literário”, esse mesmo modelo da conquista de seu estatuto, no mais amplo contexto político, econômico, sócio-cultural, onde vêm

<sup>547</sup> CESA, M., *Le Historiae adversus paganos di Orosio nel contesto della storiografia tardoantica*, in CONSOLINO, F. E., (ed.), *Forme Letterarie nella Produzione Latina di IV-V Secolo, Studi e Testi TardoAntichi 1*, Herder, Roma, 2003, 19, ainda sobre projetos historiográficos na antiguidade: MUSTI, D., *Il pensiero storico romano*, in CAVALLO, G., *Lo Spazio Letterario di Roma Antica*, vol. I, Salerno, Roma, 1998<sup>2</sup>, 177-240; para todo o periodo medieval: CAPITANI, O., *L'Impero e la Chiesa*, in CAVALLO, G., *Lo Spazio Letterario di Roma Medieval*, vol.II, 221-272.

<sup>548</sup> Se pode falar de um leitor cristão, a partir do século IV, como uma “nova” categoria social? CATALBIANO, M., *Litterum Lumen. Ambienti Culturali e Libri tra il IV e il V secolo*, *Studia Ephemeridis Augustinianum* 55 (1996), Roma.

<sup>549</sup> Diversos estudos delinear, não por acaso, em um século como o nosso, de novo tão atormentado pela cisão religiosa, as questões de identidade e as práticas de representação do nascente Cristianismo, no mundo greco-romano: VERNANT, J.-P., *Imagem, Imaginário, Imaginação*, in *Entre Mito e Política*, 295-347; PERRONE, L., *Discorsi di Verità. Paganesimo, Giudaismo e Cristianesimo a confronto nel Contro Celso di Origene*, in *Studia Ephemeridis Augustinianum* 61 (1998), Roma; PRICOCO, S., *La Narrativa Cristiana Antica*, in *LA NARRATIVA CRISTIANA ANTICA. Codici Narrativi, Strutture Formale, Schemi retorici*, *Studia Ephemeridis Augustinianum* 50 (1995), Roma, 7-25; PICCALUGA, G., *Strutture archaiche per una sacralità Nuova: In vista di un'analisi storico-religiosa dei Vangeli Apocrifi*, in *LA NARRATIVA CRISTIANA ANTICA*, 157-167; CAVALLO, *Diffusione e ricezione dello scritto nee'antichità cristiana: strumenti, maniere, mediazioni*, in *RICEZIONE E COMUNICAZIONE DEL DOCUMENTO CRISTIANO IN EPOCA TARDO ANTICA*, *Studia Ephemeridis Augustinianum* 90 (2004), 9-26. ANDREI, O., *Dal De Antichristo di Ippolito al De Consummatione di Mundi dello PsIppolito: "riscrivere" un testo e "Comunicare storia"*, in *RICEZIONE E COMUNICAZIONE*, 89-120.

formar-se, até os reflexos extremos, deformados ou degradados, do seu propor-se a *mass-media*. No espaço literário, ao centro do interesse, está o texto, nos seus momentos e percursos: da produção à circulação, da recepção à atualização<sup>550</sup>.

Do texto, seguem-se os acontecimentos através da parábola do mundo romano, além daquele Medieval, e Renascimento<sup>551</sup> até as empresas menos conscientes ou ocasionais na Idade Contemporânea e na civilização dos *mass-media*. Por texto, Cavallo e sua equipe entendem não somente aquilo que nos chegou em consequência de processos de seleção verificados na Antiguidade, mas também uma vasta literatura submersa, julgada menor e normalmente esquecida, por ser recebida, por via de tradição oral ou não, mas ligada a formas literárias nobres. Dos gêneros de textos, na sua totalidade, são reconstruídos os itinerários culturais e os modelos que agem e interagem os caracteres originais e estratificados.

Nesta re-visitação realizada, recebem plena luz os mecanismos complexos da técnica alusiva e os fenômenos de interseção dos mesmos gêneros e de modelos. Os fatores unificantes da cultura são acompanhados, permitem-nos falar de interação de contextos num largo arco de tempo de formação de cultura antiga e aquela judaico-cristã. Uma chance de fruição contínua e multidimensional. Os textos inseridos na dialética de seu tempo e, ao mesmo tempo, como expressão da interatividade como a melhor estratégia compreensiva de um texto<sup>552</sup>.

*Quando si passa a scandagliare e individuare più da vicino quei percorsi, il primo momento è quello della produzione del testo, del suo farsi, come, poema, discorso, narrazione, storia, trattato attarverso un processo compositivo nel quale interagiscono, a secondo di generi e casi, suggestioni del mito.* (CAVALLO, 1989, p. 9)

Também a exegese passa por este trâmite, por ser a Bíblia uma obra literária<sup>553</sup>, ela nos permite traçar seu percurso “material” de sentido, da auto-

<sup>550</sup> CAVALLO, *Diffusione e ricezione dello scritto nee”antichità cristiana: strumenti, maniere, mediazioni*, in *RICEZIONE E COMUNICAZIONE DEL DOCUMENTO CRISTIANO IN EPOCA TARDO ANTICA*, Studia Ephemeridis Augustinianum 90 (2004), 9-26.

<sup>551</sup> MANCHESTER, W., *Fogo sobre a Terra. A Mentalidade medieval e o Renascimento*, Ediouro, RJ, 2004.

<sup>552</sup> Para a re-visitação medieval, mas sobretudo, Renascimental do mundo e do texto “antigos”: GUGLIELMINITTI, M., *La Tecnica dell”Allusione*, in CAVALLO, G., *Lo Spazio Letterario Antico*, vol.IV, Salerno, Roma, 1999<sup>2</sup>, 11-47; CANFORA, L., *Il pensiero Storico*, in *Lo Spazio Letterario Antico*, 47-90.

<sup>553</sup> ALTER, R., *Em Espelho Crítico*, Perspectiva, SP, 1998, espec., *Uma Abordagem Literária da Bíblia*, 3-23.

elaboração à vastíssima influência sobre o Imaginário antigo e medieval<sup>554</sup>. Por isso, é interessante pensar que a produção exegética mereceu, por sua extensão e centralidade na civilização do livro “cristão”<sup>555</sup>, que se estabelece como norma (cânon) de literatura<sup>556</sup>, de cultura, de arte, de filosofia e ciência.

Neste sentido chamamos a atenção para as reflexões de NAZZARO, A. V.<sup>557</sup>. A teoria da estética da recepção e dos atos de Leitura aplicam-se à compreensão e configuração da exegese bíblica. O autor considera a exegese bíblica como fenômeno literário, dada sua natureza de produção de sentido, a partir de uma operação heurística sobre textos. Para Nazzaro, a exegese cristã antiga e medieval deve ser entendida, em sua atividade produtora de sentido, dentro do gênero denominado fenômeno *meta-textual* (expressão de J. Genette, *Pallinseste*, Paris, 1982.). Neste campo, deve-se destacar o trabalho de Moretti<sup>558</sup>, que se questiona sobre o valor da definição de gênero<sup>559</sup> em relação à produção literária antiga e cristã, e mais especificamente por aquilo que temos chamado “exegese”, o que contribui para a compreensão deste período que vamos analisar na obra de Santo Agostinho. Segundo ela, a exegese se mantém localizada em relação à práxis literária herdada no Ocidente dos gregos<sup>560</sup>.

Na Itália, sobretudo, o estudo da atividade literária do Cristianismo, colaboração entre o Instituto Patrístico e o Departamento de Estudos Histórico-Literários da Universidade *La Sapienza*, oferece, há décadas, um excelente material de aplicação interdisciplinar neste campo. Por intermédio de encontros e Convênios e grupos de pesquisa, produzem-se excelentes publicações: *Studi Ephemeredes Augustianum*. Das quais destacamos, Roma. *Comunicazione e*

<sup>554</sup> MORETTI, L. *Esegesi Bíblica dei Padri: un gênero letterario*, CONSOLINO, F. E., (ed.), *Forme Letterarie nella Produzione Latina di IV-V Secolo, Studi e Testi TardoAntichi 1*, Herder, Roma, 2003, 144.

<sup>555</sup> PETRUCCI, A., *La Concezione Cristiana del Libro fra VI e VII Secolo*, in CAVALLO, G.(Ed.), *Libri e Lettori nel Medioevo. Guida di Lettura*, Laterza, Bari, 2003, 3-6.

<sup>556</sup> A terceira parte do Capítulo anterior, ao tratar as questões do Cristianismo primitivo, voltou-se para as questões “canônicas” na tentativa de situar uma história literária da Bíblia, em sua localização e realidades.

<sup>557</sup> L. *Esegesi bíblica dei Padri della Chiesa Antica come fenomeno metatestuale*, Cassiodorus 5 (1999), 83-87.

<sup>558</sup> Do conjunto da pesquisa de CONSOLINO, F. E., (ed.), *Forme Letterarie nella Produzione Latina di IV-V Secolo, Studi e Testi TardoAntichi 1*, Herder, Roma, 2003, MORETTI, P.F., *L'Esegesi Bíblica dei Padri: un gênero letterario? Un tentativo di approccio al problema*, Franca Ela Consolino (ed.), *Forme Letterarie*, 127-145.

<sup>559</sup> MORETTI, P.F., *L'Esegesi Bíblica dei Padri: un gênero letterario*, 127-9, notas 2-6.

<sup>560</sup> MORETTI, P.F., *L'Esegesi Bíblica dei Padri: un gênero letterario*, 131.

*ricezione del documento cristiano in epoca tardoantica. XXXII incontro di studiosi dell'antichità cristiana.*<sup>561</sup>.

Mas a questão que permite avançar nos estudos literários tardo-antigo e medievais é a eclosão de uma antropologia histórica entendida como o ato historiográfico em dimensão de plasticidade na relação com os “fatos” do passado. E a dimensão da mentalidade ou do imaginário foram molas propulsoras de novos territórios para averiguação do passado, sob novos prismas.

Pretendemos, assim, investigar a fecundidade da noção de mentalidade e imaginário para a formação de um novo repertório historiográfico sobre a literatura e a história Medievais.

*A identidade do enfoque antropológico da História da Idade Média europeia ocidental ditava métodos de investigação semelhantes ou afinados entre si, o que não me impede de vez, por outra, entrar em polémica com Le Goff (...)* (GURIÊVITCH, 2003, p. 175)

## 2.

### (Nova) História das Mentalidades

*Depois da morte de Lucien Fèbvre, vários historiadores, seguindo seus passos, esforçam-se em praticar e definir a nova história das mentalidades: George Duby, Robert Mandrou e Jacques Le Goff (...). As mentalidades deram oxigênio à história.*<sup>562</sup>

Lucien Fèbvre e Marc Bloch, atraídos pela psicologia coletiva e e pelos fenômenos espirituais na história, abriram os enfoques de uma história nova, a das mentalidades<sup>563</sup>. Seguimos alguns dos passos de Philippe Ariès<sup>564</sup>, ao assumir algumas pressuposições acerca do sujeito “mentalidade” na composição de novos discursos historiográficos referentes à História Medieval. Pois, afinal de contas, o

<sup>561</sup> *La Narrativa Cristiana. Codici Narrativi, Strutture Formale, Schemi retorici*, SEA 90 (2004), Roma.

<sup>562</sup> LE GOFF, J., *A História Nova*, 49; GURIÊVITCH, A., *Mentalidade, Sistema de Valores, Imaginário. A Antropologia Histórica de Jacques Le Goff*, in *A Síntese Histórica*, 173-213.

<sup>563</sup> GURIÊVITCH, A., *A Morte como Problema de Antropologia Histórica*, in *A Síntese Histórica*, 215-252, SCHMITT, J.-C., *Os Vivos e os Mortos na Sociedade Medieval*, Companhia das Letras, SP, 1999, espec., *tempo, espaço e sociedade*, 192-216 ; LAUWERS, M., *Morte e Mortos*, in LE GOFF, J., e SCHMITT, J.-C., *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, vol.II, Edusc, Bauru, 2002, 243-261.

<sup>564</sup> *A História das Mentalidades*, LE GOFF, J., *A História Nova*, 153-175 ; LE GOFF, J., *Para uma Antropologia Histórica*, in *Para um Novo Conceito de Idade Média*, Estampa, Lisboa, 1980, 311-386.

que é mentalidade e quais são as relações com o imaginário na construção de sujeitos históricos?

Coisa curiosa, pode-se chamar atenção para o *Sitz im Lebem* da historiografia das mentalidades a partir da maturação das crises de diversas atividades intelectuais clássicas dos anos 60. Pode-se falar de uma história no apagar das “luzes”, um projeto historiográfico marcado pela descrença nos valores da “modernidade”. Esta cultura da técnica e do projeto científico iluminista passa por um *mal-estar*<sup>565</sup> irreversível, o fim da religião do progresso.

O arcabouço social baseado sob o “selvagem” mecanismo de (pós) industrialização, que se apresenta como uma forma de renovação dos projetos da primeira Revolução Industrial, cai por terra com a fragilidade das opções de mercados globais, radicando uma permanente crise das mobilidades (antinacionalistas) e fundando a sensação de um progresso etéreo e perambulante<sup>566</sup>.

As novas gerações de historiadores, segundo Dubby<sup>567</sup>, abandonando estes projetos, abrem as portas para as concepções da nova escola. Para Ariès, trata-se do esgotamento de um paradigma historiográfico que se revela como improdutivo para a ação de escrever a história no presente: *Acredito (é uma hipótese) que existe uma relação entre a nova reticência dos anos 1960 em relação ao desenvolvimento, ao progresso, à modernidade, e a paixão trazida pelos jovens historiadores ao estudo das sociedades pré-industriais e de sua mentalidade.*<sup>568</sup>

Estes novos projetos historiográficos não atribuem mais à história um sentido, isto é, uma direção. Não querem mais fazer das sociedades antigas etapas de uma evolução programada, a ponto de desconfiar da diacronia e da pesquisa sistemática das influências sofridas ou exercidas. A cultura que estudam é, então

<sup>565</sup> ROUANET, S. P., *Mal-Estar na Modernidade. Ensaio*, Companhia das Letras, SP, 1993 ; JACOBY, R., *O Fim da Utopia. Política e Cultura na era da Apatia*, Record, RJ, 2001 ; representam um projeto oposto aquele de CASSIRER, E., *A Filosofia do Iluminismo*, Unicamp, 1997<sup>3</sup>.

<sup>566</sup> Diversas tentativas de definir as representações sociais à luz deste fenômeno, denominado como desenvolvimento das premissas das revoluções industriais do século XIX geraram, no campo das ciências sociais um extensa bibliografia sobre o fenômeno das sociedades pós-industriais : DE MASI, D., *A Sociedade Pós-Industrial*, Senac, SP, 1999<sup>2</sup>. Assim como uma forte reação das culturas “marxistas”, MESZÁROS, I., *O Poder da ideologia*, Boitempo, SP, 2004, ainda em campo “sociológico” a crítica epistemológica da modernidade: BOURDIEU, P., *Meditações Pascalianas*, Bertrand Brasil, RJ, 2001.

<sup>567</sup> *A História Contínua*, J. Zahar/EdUfrj, RJ, 1993.

<sup>568</sup> ARIÈS, P., *A História das Mentalidades*, 162. De fato, muitos autores como SCHMITT, J.-C., insistiram nas condições da crise moderna presente à consciência dos historiadores dos anos 60-80 em busca de novos ambientes de construção da “alteridade” : falar com os mortos, com a religião, com a cultura agrária e pré-industrial (quase bucólica) : *Religione, folklore e società nell'Occidente medievale*, 1-27.

quase tirada fora da história e apreciadas da maneira como os etnólogos estruturalistas consideram a sociedade que escolheram.

Quase irônico que, enquanto os historiadores são tentados pela sincronia, as ciências humanas, ao contrário, abandonam-na com mais frequência e procuram situar-se ao longo tempo. É por isso que as margens entre a história e as outras ciências começam a se atenuar, acontecimento mais recente do que se poderia imaginar, após cinquenta anos de uma interdisciplinaridade proclamada, porém nunca vivida<sup>569</sup>.

O grande paradigma deste período sem dúvida nenhuma é Michel Foucault, que nascido filósofo, para permanecer filósofo, ele se tornou historiador, pelo movimento de seu pensamento, por motivos bastante diferentes dos que hoje asseguram a popularidade da história das mentalidades<sup>570</sup>.

Assume, assim, que a história das mentalidades equivale à demanda de “leitores” de uma determinada história, na qual a literatura articula os lugares da construção de teorias do evento comunicativo em seus diversos sistemas culturais, pelos quais a filosofia pôde oferecer uma rede de conceitos e explicitações.

*começamos, então, a adivinhar que o homem de hoje pede a determinada história o que sempre pediu à metafísica e somente ontem às ciências humanas: uma história que assuma os temas da reflexão filosófica, mas situando-os na duração e no obstinado recomeçar das empresas humanas.*<sup>571</sup>

### 3.

#### O Conceito de Mentalidades

*De modo geral, não obstante as seduções recentes da sincronia e a desconfiança em relação a “unidimensão” (Edgar Morin), a história das mentalidades deixa transparecer uma constante preocupação de compreender melhor a passagem à modernidade (ARIÈS, P., 1998<sup>4</sup>, p. 163).*

A história das mentalidades se apóia na hipótese da chamada *atitude mental*, como uma forma de “referência” para a análise de “documentos”, na verdade, para a compreensão do movimento histórico. Sedimentata sobre a contribuição dos

<sup>569</sup> Para um percurso em toda esta história recente de paradigmas historiográficos : DOSSE, F., *A História à prova de Tempo. Da História em Migalhas ao resgate do sentido*, Unesp, 2001.

<sup>570</sup> FOUCAULT, M.. *Linguagem e Literatura*, in MACHADO, R., *A Filosofia e a Literatura*, 137-174.

<sup>571</sup> ARIÈS, P., *A História das mentalidades*, 163.

geógrafos franceses, do início do século XX<sup>572</sup>, a história torna-se, de fato, mais sensível às diferenças regionais do que às diferenças sociais. A região, legada à história da geografia humana, serviu de contexto necessário para uma pesquisa inovadora durante três gerações dos *Annales*.

Portanto, na base da abordagem das mentalidades empreende um esforço de compreensão das diferenças. Como critério, serve lembrar que a percepção da diferença de mentalidade funciona equivalente à noção de paradigma:

*La principale fonction de l'historien étant de repérer, de définir et d'expliquer le changement, il est essentiel qu'il analyse les périodes de mutations importantes de valeurs. Ces mutations m'apparaissent comme les caractéristiques essentielles de toute périodisation de l'histoire.*<sup>573</sup>

Para Le Goff, uma sociedade não pode viver sem uma meta, nem sem sonhos. A história dos sonhos é a história do imaginário. A história das metas é aquela dos valores incluindo o aspecto qualitativo na história dos indivíduos e das sociedades. A noção de valor substitui a noção de “idéas de força”, elaboradas pela filosofia, no fim do século XIX e estreitamente relacionada à ciência da época, a uma concepção de “força” no campo da força, hoje, já superado. A noção de valor, dentro da perspectiva de uma história das mentalidades, conserva a preocupação de introduzir na história uma *dinâmica*, que permita inserir as noções de desejo e de medo, ela restitui às sociedades do passado e à sua ética<sup>574</sup>.

<sup>572</sup> ARIÈS, P., *A História das mentalidades*, 170: “A história regional era uma divisão regional da história nacional política. Ela era constituída pelos acontecimentos que se tinham produzido na região, pelas instituições políticas e religiosas da região, pela vida dos grandes homens nascidos lá. Estes geógrafos utilizaram, ao mesmo tempo, o estudo da paisagem contemporânea e dos documentos dos arquivos antigos, afim de individuar as “características originais” de uma região, para falar como Marc Bloch, características que proporcionam a ela sua unidade. O geógrafo, homem do presente, o qual se propõe a compreender, era levado, assim, a se voltar para o passado dos historiadores do acontecimento, seus colegas, mas um passado não político que estes haviam desenhado e que iria se tornar, desde então, o passado favorito dos futuros historiadores.”

<sup>573</sup> LE GOFF, J., *Du Ciel sur la Terre*, 1264, DOSSE, F., Questões suscitadas pela pluralidade dos modelos interpretativos em ciências sociais: a guinada interpretativa, in *A História à prova do Tempo*, 39-70; GURIÊVITCH, A., *Mentalidade, Sistema de Valores, Imaginário. A Antropologia Histórica de Jacques Le Goff*, in *Síntese Histórica e a Escola dos Anais*, 173-213.

<sup>574</sup> GURIÊVITCH, A., *Mentalidade, Sistema de Valor, Imaginário*, 176: “E, de fato, os apetites de Le Goff são grandes e diversificados; no círculo de seus interesses estão os problemas da ética medieval e do comportamento, sendo que, paralelamente ao estudo dos textos escritos, ele dá grande importância à investigação das palavras, dos rituais e gestos, assim como da correlação da arte visual como arte verbalizada; a mudança de sistema de valores; as concepções do tempo e do espaço e seu desenvolvimento no século XII ao XIV em função de avanços gerais nas estruturas sociais, e, de modo correspondente, nas mentalidades.” Sobre as questões da iconografia medieval como uma etapa de novos discursos historiográficos: DUBY, G., *História Artística da Europa. Idade Média*, T.I-II, Paz e Terra, SP, 1998; FRUGONI, C., *Le Immagini come Fonte Storica*, in

Inspirando-se largamente na história das representações, ela ajuda a estruturar uma história que mede o impacto sobre a evolução das sociedades, assim como também dos aspectos econômicos, filosóficos, culturais e políticos por ser intermediária dos valores tais como o gosto ou o desprezo dos juros, a tração do racional ou do irracional, a pesquisa do belo ou do útil.

Para os historiadores atuais, é preciso, seja qual a for a abordagem utilizada, gerar uma forma de ficcionalidade, isto é, formular uma certa plasticidade, variabilidade, nivelção em série que componham a história, assim como a aceleração que comporta, na tomada de consciência de seu papel de observador:

*L'Historien ne sort jamais du temps: mais par une oscillation nécessaire, il y considère tantôt les grandes ondes de phénomènes apparentés qui traversent, de part en part la durée, tantôt le moment humain où ces courants se resserrent dans le noeud puissant des consciences* (BLOCH, M., 1974, p. 153).

Para Guriêvitch além da indefinição do conceito *o conceito de mentalités se distingue por uma indefinição. Uma espécie de sedimento que permanece depois da análise histórica e provavelmente por isso desprezam as mentalidades. Entretanto pergunta Le Goff, é possível compreender as Cruzadas sem estudar um determinado tipo de mentalidade religiosa?*<sup>575</sup>

A história das mentalidades dirige a atenção exclusiva para o não conscientizado, o cotidiano, os automatismos do comportamento, os aspectos extrapessoais da consciência individual, estabelecendo, com todas as reservas críticas, um vínculo produtivo entre as mentalidades e as estruturas sociais, um vínculo complexo, mas estreito<sup>576</sup>.

Portanto, pode-se dizer que, mesmo sendo um conceito de difícil redução simplista, ele permitiu ampliar o chamado “território do historiador”. Os conceitos de imaginário e de mentalidade provocam ou implicam uma extraordinária dilatação de repertório, de metodologia, de postura científica; pois tudo que é perceptível pelo observador social está ao alcance da análise histórica. A ampliação da história além

---

CAVALLO, G., *Lo Spazio Letterario del Medioevo Latino*, vol. II, Salerno, Roma/Bari, 1999, 721-737.

<sup>575</sup> *Mentalidade, Sistema de Valores, Imaginário*, 177.

<sup>576</sup> GURIÊVITCH, A., *Mentalidade, Sistema de Valores, Imaginário*, 190: “Mas, torno a repetir, o enfoque de Le Goff é outro. Ele não estuda simplesmente a relação entre homens medievais com tempo e suas mudanças. Seu objetivo, se eu o compreendo corretamente, consiste antes de tudo em investigar os vínculos e interações entre social e o mental.”

de suas antigas margens, e, ao mesmo tempo, retorno a seu antigo domínio, que se imagina bem explorado, ele relê documentos utilizados por seus predecessores, mas com um novo olhar<sup>577</sup>. A produção desta história das mentalidades se acha nas zonas de fronteiras do biológico e do mental, da natureza e da cultura.

Por que, então, uma história das mentalidades? A história das mentalidades é, portanto, muito mais a história das mentalidades de outroras, das mentalidades não atuais. O fascínio que essa história parece exercer, hoje em dia, e desde há não muito tempo, talvez se explique por um grave acidente da nossa mentalidade atual. Além disso, como já vimos, se a história é mais intencionada à diferença, e as convicções “modernas” de superioridade” se debilitam, a história das mentalidades, sobretudo em relação aos estudos medievais, representa uma postura antropológica diversa daquela do romantismo e do idealismo dos séculos XVIII-XIX:

*é por isso que a transformação da historiografia de origem medieval e modernista, marcou o passo, durante algum tempo, no limiar da história contemporânea: esta era, de fato, uma reflexão do homem sobre o tempo em que ele vivia, um tempo de demasiada similitude e insuficiente e diferença. Ora, a espessura desta fatia de história diminui: o momento em que o passado aoparce como diferente do meu tempo torna-se cada vez mais próximo — formidável desforra da historicidade!*<sup>578</sup>

Esta constatação por parte dos historiadores da escola dos anais nos possibilitou perceber a oportunidade que os estudos historiográficos atuais geraram para a emersão dos estudos literários que exibem a interação entre a obra, o autor e o leitor, num sistema literário, como evento comunicativo.

Em outras palavras, o passado de diferença, aproxima-se de nós, tornando-se cada vez mais difícil ignorá-lo, do mesmo modo que não nos é mais possível ignorar a arte negra, índia ou pré-colombiana. As diferenças de todas as idades nos assediam, contudo, nossa percepção ingênua, imediata, continua sempre sendo de nosso próprio presente, único ponto de ancoragem no tempo. A recente aproximação entre presente e passado não seria a razão da história da mentalidades?

A história das mentalidades segue as confluências e divergências daqueles que justamente afirmam que nossa cultura é mestiça, oral e escrita. Ela nos faz descobrir, então, o que subsiste das antigas oralidades reprimidas, de modo oculto,

<sup>577</sup> Sobre este vasto tema da filosofia e da literatura, através do viés da hermenêutica: BUCK-MORSS, S., *Dialética do Olhar. Walter Benjamin e o projeto das Passagens*, UFMG, BH, 2002.

<sup>578</sup> ARIÈS, P., *A História das Mentalidades*, 172.

não consciente, seja sob a forma de sobrevivências camufladas, seja sob a forma de vazios, de enormes lacunas, em nossa cultura hodierna, em que triunfam as racionalidades das escritas<sup>579</sup>.

#### 4.

#### Imaginário Medieval

*um dos leit-motivs de sua obra é o imaginário humano, de categoria da criação artística<sup>580</sup>, o l'Imaginaire em Le Goff (como em Duby) se transforma numa poderosa força socioistórica, em fator inalienável de vida e sociedade. (GURIÊVITCH, 2003, p. 2008.)*

A partir da experiência das mentalidades é possível avaliar o valor da proposta de uma história do imaginário. O domínio do imaginário é constituído por um conjunto de representações que transbordam os limites postos pela constatação de experiências e encadeamentos dedutivos que daí se autorizem. O imaginário dos homens, incluindo esferas irracionais como os sonhos e devaneios<sup>581</sup>, é alimentado pela realidade, mas o principal consiste em que a realidade do pensamento dos homens imprime sua marca poderosa e indelével em todas as suas obras, na atividade e no comportamento social.

A história ganha uma nova sensibilidade para a necessidade do estudo de duas realidades: *da realidade em si e das representações* que dela se formam nos homens que vivem na época. Como separá-las ou dividi-las? Por ventura, a produção, os costumes, o cotidiano não estão inteiramente penetrados de representações humanas, por um sistema de valores e crenças, e, por acaso, não é unicamente, nesse aspecto humanizado, que eles ganham sentido para aqueles que estavam ocupados com a produção e viviam nesse cotidiano?

O historiador, por conseqüência, deve se dar conta de que os mitos e fantasias dos homens, as suas contruções mentais, que a consciência racionalista dos homens da Idade Moderna tende a qualificar como preconceitos e incluir na lista de “falsa consciência”, determinaram grandemente o conteúdo que são fontes para o

<sup>579</sup> RANCIÈRE, J., *Políticas da Escrita*, 34 Literatura, RJ, 1995.

<sup>580</sup> SCHMITT, J.-C., *Imagens*, in LE GOFF et SCHMITT (org.), *Dicionário Temático do Ocidente*, vol.I, Edusc, Bauru, 2002, 591-605, DUBY, G., *História Artística da Europa. Idade Média*, T.I-II, Paz e Terra, SP, 1998.

<sup>581</sup> DINZELBACHER, P., *Visioni e Profezie*, in CAVALLO, G., *Lo Spazio Letterario del Medioevo Latino*, vol.II, Salerno, Roma/Bari, 1999, 649-687.

historiador e que a primeira coisa que o pesquisador encontra é a estrutura da consciência humana produzida em monumentos. Decorre, por isso, que antes de emitir um juízo sobre a falsidade ou a veracidade da informação neles contida, é necessário compreender a natureza das fontes históricas, seu condicionamento sociocultural e sua função no contexto da época que os gerou:

*(...) o historiador, ciente do papel do imaginário na formação de qualquer texto, de sua natureza semiótica, não pode enfocá-lo como “fonte de dados” do qual seria capaz de haurir a informação sem nenhum obstáculo.(...) as informações sobre eles passaram pelos complexos filtros da consciência dos autores ou compositores de textos e trazem a marca da consciência, indelével, mas nunca identificável sempre facilmente.<sup>582</sup>*

Le Goff distingue o imaginário de outras instâncias conceituais e que, muitas vezes, aparecem citadas como conceitos sinônimos: a representação, o simbólico, o ideológico<sup>583</sup>. O imaginário humano, sobre o qual ele escreve, determina não só a estrutura e o conteúdo do monumento histórico. Ele é um componente essencial e inalienável da própria realidade histórica

O historiador é levado a operar não com o modelo universal e unificador da base/superestrutura, no qual, como se costuma pensar, a superestrutura “determina” a base e serve a ela, mas com suas construções mentais concretas historicamente condicionadas e mutáveis, que sempre modelam a seu modo o mundo, e esses produtos do imaginário social, ao experimentarem o influxo das relações materiais e dos interesses reais que geram, contêm, ao mesmo tempo, fenômenos diversos da separação do pensamento em face à realidade.

Este esforço, em incluir o aspecto da imaginação, não significa somente uma ampliação quantitativa do campo de trabalho e da metodologia dos historiadores, mas, no dizer de Guriêvitch, trata-se de tomar posse das “fontes” medievais de uma maneira mais rica:

<sup>582</sup> GURIÊVITCH, A., *Mentalidade, Sistema de Valores, Imaginário*, 209.

<sup>583</sup> Seguimos de perto o texto de LE GOFF, *L'Immaginario Medievale*, in CAVALLLO, G., (org.), *Lo spazio Letterario del Medioevo. I. Il Medioevo Latino*, vol. IV. *L'Attualizzazione del Testo*, Salerno, Roma, 1997, 11-42.

*os medievalistas procuram atingir camadas mais profundas da realidade histórica não atingidas pela Ciência Histórica tradicional, e essas camadas mais profundas são um campo da consciência, das mentalidades, nestas se revelam as molas internas do comportamento humano*<sup>584</sup>.

Este comportamento humano no grupo, no *socium*, é penetrado pela simbólica e por meio de sua decodificação, e da compreensão de sua função, na atividade vital dos grupos, consegue-se elucidar melhor a natureza do processo histórico. Este conceito introduz o historiador nas profundezas da história social.

Assim, o conceito de imaginário joga um papel decisivo na recepção de textos medievais, dadas as próprias circunstâncias da cultura religiosa. Sobretudo, se se pensa que a leitura medieval é eminentemente bíblica, assim como a arte, desta depende o texto sagrado, como fonte. Os centros de cultura estavam baseados sobre a cópia e a conservação de manuscritos. As questões da interpretação permanecem nos muros dos mosteiros e ambientes eclesiásticos<sup>585</sup>.

Retomando as distinções de Le Goff entre imaginário, representação, simbólico e ideológico, ele afirma, como porto de partida, as relações internas entre a imaginação e o imaginário: “(...) se *l’immaginazione há um ruolo essenziale nella produzione dell’immaginario é, essa è una facoltà della mente.*

<sup>584</sup> *Mentalidade, Sistema de Valores, Imaginário*, 212.

<sup>585</sup> BISCHOFF, B., *Centri Scrittoriai e Manoscritti mediatori di Civiltà dal VI secolo all’età di Carlomagno*, in CAVALLO, G., *Lettura e lettori nel Medioevo*, Laterza, Roma, 2003<sup>5</sup>, 29-71 ; sobre o lugar e as relações entre os clérigos e intelectuais leigos na idade média : BAGLIANI, A., P., *Chierici e Intellettuali nei testi dell’Immaginario sociale*, in in CAVALLO, G., (org.), *Lo spazio Letterario del Medioevo*. 1. *Il Medioevo Latino*, vol.III, 11-27.

## 4.2

### A concepção do Livro Cristão<sup>586</sup>

*‘Fra il libro próprio della tarda antichità romana e il libro altomedievale, fra Virgilio Mediceo e l’Evangelario de Kells, lê diversità sono tante e tanto profonde da saltare agli occhi anche del profano, ed esse non riguardano soltanto la scrittura (...) ma l’aspetto stesso del libro, il suo formato, quase direbbe la sua più profonda natura’* (PETRUCCI, 2003<sup>5</sup>, p.5)

Por quais razões se pode afirmar que exista uma concepção do livro ‘cristão’? Talvez a partir das profundas mudanças de criação do livro, do desempenho de leitura, do ambiente, mas o aspecto do próprio livro, o seu formato, que após o sexto século cristão, permite a alguns autores afirmarem que ocorre um radical transformação, que quase se poderia dizer, uma mudança na sua ‘natureza’

Se a escritura é sem dúvida o instrumento por excelência da comunicação e da difusão do pensamento, pode-se ainda pensar que o aspecto figurativo, a visibilidade do sinal gráfico e das séries de sinais gráficos, que podem assumir, e assim o foi, em períodos e ambiente culturais diversos, ora um significado mágico-evocativo, ora um significado estético, ora uma síntese destes aspectos. Trata-se na verdade, segundo Petrucci na construção de uma semântica do sinal gráfico, uma história do conhecimento ainda incipiente<sup>587</sup>.

No entanto a emergência do Cristianismo e sua vinculação ao desenvolvimento do livro, como intrínseco à sua natureza religiosa e à sua estratégia cultural que exerceram sobre a sociedade culta antiga um deslocamento da função e do uso do livro.

<sup>586</sup>SAENGER, P., *Leggere nel Tardo-Medievo*, in CAVALLO, G., (ed.), *La Storia della Lettura nell’Occidente*, Laterza, Roma-Bari, 2004<sup>3</sup>, 117-154, PETRUCCI, A., *La Concezione cristiana del Libro fra il VI e VII secolo*, CAVALLO, G., (ed.), *Libri e Lettori nel Medioevo. Guida Storica e critica*, Laterza, Roma-Bari, 2003<sup>5</sup>, 3-26, CAVALLO, G., *Diffusione e Ricezione dello Scritto nell’Antichità cristiana: Strumenti manieri mediazioni*, in *Comunicazione e Ricezione del Documento cristiano in época tardoantica*, Patristicum, Roma, 2004, 9-25; PICCALUGA, G., *Strutture arcaiche per una sacralità nuova: in vista di un’analisi storico-religiosa dei Vangeli Apocrifi*, in *La Narrativa Cristiana Antica. Codici narrativi, strutture formali, Schemi retorici*, Patristicum, Roma, 1995, 157-168; CATALBIANO, M., *Litterum Lumen. Ambienti Culturali e Libri tra il IV e il V secolo*, *Studia Ephemeridis Augustinianum* 55 (1996), Roma., espec., *I Libri*, 75-131.

<sup>587</sup>As premissas de uma tal semântica do sinal gráfico são exposta lucidamente no ensaio de ASSUNTO, R., *Scrittura come figura, figura come segno*, in *Rassegna della isruzione artística*, II, 1967; numa outra perspectiva MENOICAL, M. R., *O Ornamento do Mundo. Como mulçulmanos, judeus e cristãos criaram uma cultura de tolerância na Espanha Medieval*, Record, RJ, 2004. Farei referência às questões teórica levantadas por CHRISTIN, A.-M., *Da Imagem à Escrita*, in SÜSSEKIND, F.(org.), *A Historiografia Literária e as técnicas da Escrita*, Casa Rui Barbosa, RJ, 2004, 279-292.

Para CAVALLO se pode afirmar uma aliança entre a cultura escrita e o Cristianismo. Mais ainda, com a forma ‘cristã’ de escrever, o rolo será em toda a Idade Média o suporte sem contrastes, até a chegada da forma que conhecemos, depois de Guttemberg<sup>588</sup>.

A própria escritura bíblica insiste nesta relação numa forma de auto-representação ou metalinguagem em diversas passagens significativas do Novo Testamento: *‘fhére kai ta Bíblia, máa’lista taj membranj* traga os livros e sobretudo os pergaminhos, dizia Paulo a Timóteo no primeiro século cristão<sup>589</sup>: *‘la frase in sé assai semplice, há implicazioni altrimenti significative, giacché segna l’inizio del rapporto sterttissimo che verrà ad instaurarsi tra Cristianesimo e cultura scritta’* (CAVALLO, 2004, p. 9)

Esta escolha que se verifica já nos primórdios não só registra esta estreita relação entre cristianismo e escritura, mas como se sabe foi especificamente em favor do livro em forma de código, que triunfa sobre a forma livresca do rótulo. E mesmo reconhecendo que a sociedade antiga e proto-medieval é analfabeta, a igreja, com suas mediações (homilias, afrescos, catequese e lectio) supera esta barreira e isto porque, estes fiéis sabem que o ensinado, pregado ou pintado provinha da ‘autoridade’ do escrito, do livro:

*‘Perciò il biografo cristiano, mettendo da parte ogni vano desiderio di gloria mondana, sai che ponesse il próprio nome sul frontespizio della sua opera, sai che lo omettesse, doveva aspirare unicamente all’aeternum praemium che Dio gli avrebbe dispensato al termine della sua vita terrena, próprio in vista del suo conseguimento avrebbe dovuto scegliere soltanto argomenti utili allá salvezza dei lettori, contribuendo così direttamnet anche allá propria’*<sup>590</sup>.

Giuglia Piccaluga já apontava a questão da função das tradições de textos mágico-sacrais como fonte ‘mítica’ ou poética das origens ancestrais, como forma de prova da história que quase de modo ‘ex-evento’, lê o mundo transversal à sua

<sup>588</sup> CAVALLO, G., *Diffusione e Recezione dello Scritto nell’Antichità cristiana: strumenti maniere mediazioni*, 9-25, espec. 10: *‘È solo dal secolo IV, a partire dal momento in cui il cristianesimo assurge a religione istituzionale, che il libro delle Scritture conosce una diffusione larga e inarrestabile e nel contempo una grande varietà di odelli a seconda di usi e funzioni: da esemplari a uso devozionale privato a libri per le letture comunitarie e lê esigenze del culto, fino a codici di qualità assai alta riservati allá ostensio conciliare o alle pompae liturgiche, o semplicemente posseduti come oggetti di prestigio e manifestazione di oppulenza.’*; CATALBIANO, M., *Litterum Lumen. Ambienti Culturali e Libri tra il IV e il V secolo*, 33-72.

<sup>589</sup> 2Tm 4,13. REDALIÉ, Y., *Paul après Paul, Le temps, le salut, la morale selon les épîtres à Timothée et à Tite*, Labor et Fides, Gêneve, 1994.

<sup>590</sup> CATALBIANO, M., *Litterum Lumen. Ambienti Culturali e Libri tra il IV e il V secolo*, 94.

materialidade, em busca de penetrar mais profundamente no destino, em particular a cidade de Roma<sup>591</sup>. Isto é, as relações entre Escritura e Milagre.

O mesmo ocorre na obra monumental de Ernest Curtius, que através do tempo, desenha uma trajetória da concepção mágica e sacra do Livro, que atinge seu auge na Idade Média, quando a Bíblia ocupa o centro da leitura, da interpretação, da conservação e escrituração de monges e clérigos<sup>592</sup>.

No caso da *kabala* hebraica, na qual o sistema de alegorismo gráfico é um dos mais aperfeiçoados e complexos que se conhece, aos elementos alfabéticos são atribuídos significados mágicos de maneira direta, pelo qual, cada elemento alfabético exprime por si mesmo (na sua iconografia e estrutura) um determinado ‘valor’. Pode-se verificar também, por outro lado, uma forma mediada, pois não se atribui rigorosamente aos sinais gráficos um sistema de símbolos mágicos, mas à escritura na sua complexidade, à página escrita, aos elementos ornamentais, ou ao próprio livro<sup>593</sup>. Mas o Cristianismo permanece incontestavelmente a civilização do Livro:

*‘Il libro ebbe suo riconoscimento più alto dal Cristianesimo. Il Cristianesimo fu una religione del libro sacro. L’unico Dio che l’arte antica abbia raffigurato com un rotolo scritto fra le mani è Cristo. Fin dall’inizio, e poi per tutta l’epoca iniziale, il Cristianesimo produsse sempre nuovi libri sacri, documenti della fede come vangeli, lettere degli apostoli, apocalissi, atti dei martiri, vite dei santi, libri liturgici’* (CURTIUS, 2000<sup>2</sup>, p.345.)<sup>594</sup>

<sup>591</sup>PICCALUGA, G., *I Testi Mágico-sacrale*, in CAVALLO, G. (org.), *Lo spazio letterario di Roma Antica*, Vol. I, Salerno, Roma, 1998<sup>2</sup>, 37-62.

<sup>592</sup>CURTIUS, E.R., *Letteratura europea e Médio Evo latino*, La Nuova Itália, Firenze, 2000<sup>2</sup>, *Il Libro come Símbolo*, 335-385.

<sup>593</sup>No caso da fundação de Roma à intervenção da escritura é atribuído um valor mítico na aparição de uma inscrição sob o monte capitólio. PICCALUGA, G., *I Testi Mágico-sacrale*, 40: ‘Come già a suo tempo la grécia aveva favoleggiato dell’avvento della gráfica dal cielo, da improbabile paesi orientali, dall’inconscio dominio della natura, così Roma racconterà di come le litterae le fossero giunte dall’Arcadia primordiale e prelunare, e continuassero ad apparire, nel tempo delle origini, dalla profondità di quella zona appena aperta dall’aratro da cui spuntò Tages già bell’e pronto a dettare i libri profetici...’; CURTIUS, E.R., *Letteratura europea e Médio Evo latino*, 341, ‘l’Antichità pagana nella sua fase religiosa conclusiva atribuí al libro um senso di salvezza e di sacralità. I poemi omerici erano allora divenuti ‘i libri sacri del paganesimo’...i libri santissimi’; HORCADES, C.M., *A Evolução da Escrita. Uma História Ilustrada*, Senac Rio, 2004.

<sup>594</sup>PETRUCCI, A., *La Concezione cristiana del Libro*, 7; sobre as relações entre escritura e ornamentação do livro cristão, entre muitos textos: STELLADORO, M., *Il Documento cristiano fra IV e VI secolo: forme e ideologia, committenza, testo e immagine. Alcuni esempi, in Comunicazione e Ricezione del Documento cristiano in época tardoantica*, 27-41; a concepção cristã do livro significa na Idade Média, um meio para a Salvação da alma: leggere per salvare l’anima in PARKES, M., *Leggere, scrivere, interpretare il Test: pratiche Monastiche nell’alto Medioevo*, in CAVALLO, G., *Storia della Lettera*, 71-90, espec., *Leggere per la salvezza dell’anima*, 72-73.